

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros 1\$500 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

—ANNO II—31 DE DEZEMBRO DE 1882—N.º 45—

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 7\$000 réis; semestre ou 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

SUMMARIO

GRAVURAS:—A fé. A caminho para o supplicio. O fructo do cajueiro.

TEXTOS:—Actualidades, por Marcelino de Mesquita. As nossas gravuras, por P. C. Rosicler, por Vieira Natividade. O tonel do barão Atulfo. O domingo dos bebés, por Vidigal Salgado. Aquella creança, por Affonso Vargas. O conselheiro Mendoza, por D. João Vallera.

ACTUALIDADES

Quando leres a minha chronica, o anno moribundo, irremediavelmente perdido, terá lançado o seu ultimo suspiro no leito onde tem morrido, com a periodicidade das gottas d'agua cahindo no reservatorio d'um clepsidro antigo, a sua geração, longa como as agonias da humanidade e infinita como ellas.

Na tua vida, pequena, insignificante, mesquinha de tempo, mão ciclopica desconhecida marcou a tinta de fogo immorredouro um *memento* cruel e jámais tangivel.

Passou. E' assim que passam nas mentes escandecidas das febres, os espectros que surgem, no turbilhão negro das creações phantasticamente anômalas.

Entram, sem se saber como, no circulo quente dos delirios e somem-se, ao longe, depois de nos esbofetear, em gargalha las horriveis e esgares em que se mistura a cabriola do primate, ao lugubre riso dos carrascos.

Mundo extraordinario, de quadros, de scenas, de figuras, tão impossivel de reproduzir pela penna ou pelo pincel, como impossivel o regressar um atomo na escravidão despotica do tempo.

Passou; sobre a face dos doentes os invisiveis despotas dos delirios, deixaram a pallidez dos cadaveres, os sulcos das lagrimas corrosivas, o amortecido olhar das intimas afflicções.

Humanidade, eu não poderia indagar sobre o teu peito os vergões



negros do *knout* selvagem do senhor que morre; ser-me-hia preciso profundar nos antros horrorosos das tuas misérias sem nome, descer às origens psychicas dos largos rios do teu pranto e mergulhar-me nos meandros das tuas ambições e dos teus vícios. Não me bastara para abrir o caminho n'esta exploração colossal, a espada luzente do archanjo de Milton e a luz condensada das nebulosas gigantes.

A treva prevaleceria sempre.

Nós arrancamos dos corpos das mulheres o delirado cerebro, fazemos convergir sobre elle os estudos da humanidade inteira, ouvimos S. Agostinho, pensamos com Shakspeare, raciocinamos com Claude Bernard e concluímos, por fim, que este pequeno mundo, nos é desconhecido, pela desintelligencia das suas vontades, pelo extraordinario dos seus mais diversos caprichos, pela incoherencia continua dos seus raciocinios.

Ide, faizei convergir sobre os milhões de cerebros da humanidade, a vossa analyse e dizei-me se é possivel humanamente procurar, sequer, a sombra das variações infinitas, que um meio intangivel em numero, de factos e de coisas ahi possa ter determinado.

Ide medir esse mundo de vibrações da dôr; ide procurar os luctos da miseria!

Tentativa enlouquecedora, seria essa.

Eis porque odeio esses senhores, cuja dynastia ininterrupta me opprime e esmaga.

Depois não ha urna que os possa desthronar, não ha revolução que os exile, ou guilhotine.

Hão vir uns, depois dos outros, fataes, terríveis, eternos, sentam-se no throno, com a placidez dos justos, distribuindo por cada milhão de chicotadas um beijo, a envelhecer-nos, a gastar-nos até nos atirar para a cova. E depois esta desconfiança eterna com cada um d'elles que entra:—se não fôres tu será teu filho; como na fabula do cordeiro,—se não fostes tu, foi teu pae!

Este está prompto. Restam-lhe uns dias de vida.

Não passará a historia, não; foi um trampolineiro, um palhaço.

A' beira da sua cova devem ir chorar todos os malandros apanhados no dia 1 de janeiro, todas as mulheres a quem, n'esse dia, apparecer a primeira ruga, ou o primeiro cabelo branco, ou cahir o primeiro ou o ultimo dente. Estes sim podem fazel-o, é uma questão de delicadeza e a lagrima é livre.

Diz o Proverbio, que a mulher é sempre melhor o anno que vem; não sei quanto haja de verdade n'esta observação anonyma de passados tempos.

Que ha muito de falso, não me resta duvida alguma, todavia, preciso confessar, que me sorri a esperança de que o proverbio tenha razão, uma vez.

Esta idéa consola-me, até certo ponto, e socega-me no receio do novo dominador.

Tolerava-lhe muita coisa, mesmo muita, com esta condição.

As Anardas e as Marillias, parece que armazenaram os sorrisos e os abraços, porque dos poetas contemporaneos, apenas um ou outro nos conta as suas aventuras romanesecas, cheias de mysteriosos arroubos.

O lyrismo escaceia no mercado; os pianos não gemem os acompanhamentos dolentes aos versos *mimosos* dos vates, de cabelleira longa e pallidez anemica, de modo que as meninas, distraídas dos seus melhores enlevos, começam por ouvir e lêr os discursos da sr.^a Angelina Vidal. Começa a roer-lhe o cerebro o phylloxera do socialismo, o altruismo invade-as.

Deus meu, para que reformar a ordem das coisas! Deixae as avesinhas alimentar-se de pollen louro e petalas de lyrios.

Dulcificai-vos corações femininos. Oh! anno de oitenta e tres, faz o milagre; entre Luiza Michel e a sr.^a Amelia Janny, não hesites leva a primeira.

Deixa-te de liberdades feminis, d'emancipações, de tolices, quando morreres has-de dizer como o sr. Voltaire dizia: morro, deixando o mundo tão tolo e tão velhaco como quando nasci.

Cruel verdade.

Leitor amigo, este já nós passámos provavelmente; para o anno se eu tiver de fazer esta chronica, hei-de provar-te que o mundo está como Voltaire o deixou, e que apenas um anno peor do que o que passa—é o que vem.

MARCELLINO MESQUITA.

AS NOSSAS GRAVURAS

A Fê

(COPIA DE UM QUADRO DE DOBSON)

A immensa capital da Grã-Bretanha é a cidade que talvez possue maior numero de collecções particulares, de galerias, de museus, de edificios destinados a archivar os productos da arte, e os exemplares zoologicos, enfim, tudo quanto chama a attenção, e attrahe a curiosidade dos viajantes.

Os mais notaveis estabelecimentos d'este genero são: *Museu inglez*, edificio enorme, talvez sem rival no mundo, que possuia tamanha quantidade de objectos relativos a sciencias e artes, litteratura, archeologia, etc. que não bastaram trinta annos a uma sociedade de sabios para organizar o catalogo; o *Soane's museum* destinado exclusivamente para objectos archeologicos, que atulham vinte e quatro salas, e entre os quaes se distingue um celebre sarcophago de alabastro encontrado nas ruinas de Thebas; o museu de medicina; o museu de cirurgia; o museu geologico de Saull; o museu de antiguidades de Londres, rico em medalhas que ascendem á época do dominio romano; o museu entomologico; o museu zoologico; o museu da Academia Real que possuia cartões de Raphael, telas de Rubens e da maior parte dos grandes pintores; a galeria Vernon que possui principalmente quadros inglezes, e finalmente a Galeria nacional, representa, e cujo edificio se distingue pela sua nobre architectura.

Já vêem, por este leve especimen meu, que não era exagerado o nosso suavissimo poeta João de Lemos quando exclamava, saudoso da sua patria e mirando os esplendores da opulenta cidade ingleza:

Vastas serras de tijolo,
Estatuas, praças sem fim,
Retalham, cobrem o solo...
Mas não me encantam a mim.

Tinha razão o grande poeta. Fica-te embora, ó Londres gigante, com a tua Galeria Nacional, os teus museus, os teus palacios e templos que...

Na minha terra uma aldeia
Em noites de lua cheia
E' tão bella, é tão feliz!
Amo a casinha da serra
C'o a lua da minha terra
Na terra do meu paiz.

Mas a que proposito, exclama o leitor espantado, a que proposito vem todo este lyrismo, e todas estas descripções? Essa formosissima mulher será por acaso o retrato de João de Lemos? Será essa mulher por acaso uma peça de architectura, é será atinal de contas um museu, apesar de ser tão bonita?

—Não senhor, respondo eu gravemente, essa mulher é a Fé.

—A Fé?

—A Fé!

—Mas que tem a Fé com a Galeria Nacional de Londres?

—Muito, está lá.

—Na Galeria Nacional?

—Na Galeria Nacional.

—A fazer o que?

—Pendurada na parede, dentro de uma moldura. A Fé é um quadro inglez.

—Bem! enquanto a Galeria Nacional, ainda admitto a relação, mas confesse que os versos de João de Lemos não vieram muito a proposito.

Não viriam, mas olhe, caro leitor, o que ha-de fazer um homem em presença da Fé? Tem-se dito tudo a seu respeito, está esgotado o arsenal dos epithetos, está exaustado o repertorio das scenas dramaticas, das apostrophes, das blasfemias! Então quando de repente nos apparece um quadro que representa a Fé, a gente embatuca e recita-lhe a *Lua de Londres*, exactamente, como Frederick Lemaitre, ao representar em 1848 o *Tragaldabas*, que caía no meio de um temporal de assobios, se voltou para a platêa, e lhe disse gravemente: *Messieurs, il me semble que c'est plus que jamais le moment de crier. Vive la republique*. Nunca ninguem soube o que isto queria dizer, como nunca ninguem saberá, leitor, a que proposito vinham os versos da *Lua de Londres* n'um artigo consagrado a uma gravura que representa a Fé!

A caminho do supplicio

Representa esta magnifica gravura, copia de um quadro do famoso pintor flamengo Van der Ouderaa, a marcha para o supplicio de Margarida Hortstein, uma formosissima rapariga, natural de Vienna, que assassinara o medico hespanhol Jeronymo Abanzo, e que por isso foi condemnada a morrer queimada n'uma fogueira. Era o tempo em que a perseguição, e a tyrannia hespanhola de Filipe II, exasperando os protestantes dos Paizes-Baixos, os armava não só com a espada das luctas leaes, mas tambem com o punhal dos assassinos. Ao cadafalso d'Egmont respondia a espada de Guilherme d'Orange, ao punhal, vibrado por mãos femininas, que assassinara o medico Abanzo respondia a fogueira onde ardia o corpo gentilissimo de Margarida Horstein.

Então a marcha para o supplicio era verdadeiramente horrorosa pela sua funebre pompa. A condemnada, antes de subir á fogueira fatal, tinha de ajoelhar, com longa camiza que lhe descia até aos pés, que lhe resguardava o pudor, mas que a não resguardava do frio e da vergonha, fazendo penitencia publica, ou *amende honorable*, como os francezes diziam, diante das estações onde campeava o Christo crucificado. Tudo concorria para actuar fortemente na pavidia imaginação de uma desgraçada mulher, os cantos de agonia que os frades entoavam, lividos e lugubres nas suas vestimentas negras, os soldados que rodeavam com todo o apparato bellico d'esse tempo, os magistrados que dirigiam o prestito solemne, e que marchavam tambem com o traço severo e solemne dos seus cargos, o algoz sinistro de aspecto, mais sinistro ainda pelo seu traço e

pelas horrorosas funcções que lhe incumbiam, os homens que deviam atear com os longos forcados a lenha incendiada da logeieira, o *escuteta*, incumbido especialmente de guardar a triste presa, cujos pulsos delicados eram pungidos pelo aperto brutal dos nós da corda, tudo isso devia concorrer para produzir um terror enorme no animo da pobre mulher, que n'esse Christo lugubre e terrível, diante do qual ajoelhava, não via, como o Evangelho o mostra, o indulgente protector dos fracos, o doce mestre que perdoou á adúltera, mas um novo juiz mais implacável e terrível do que os inquisidores da terra, que tinham feito dos seus Christos crucificados como que a representação do seu ideal sinistro. Por isso a pobre mulher, admiravelmente representada no quadro magnifico de Van der Ouderaa, transformadas completamente as purissimas feições, contempla com desvairado terror o medonho espectáculo, que a cerca, e parece sentir já no coração todo o infernal punimento das horridas torturas que a esperam.

O fructo do cajueiro

A planta do cajueiro, espathada pelos tropicos, é conhecida scientificamente pelo nome de: *anacardium occidentale*. Os seus fructos que se encontram muitas vezes nos mercados de comestiveis, têm a forma d'um coração recurvado lateralmente. Têm dentro uma amendoa muito agradável ao paladar, e cercada d'uma casca que encerra um succo corrosivo. Debaixo d'esta especie de noz, está uma massa carnuda com a forma e grossura d'uma pera, e com uma côr vermelha ou amarela. E' esta massa que forma propriamente o fructo do cajueiro.

Os fructos do cajueiro—não se confunda com o acajú para mobilia, oriundo de S. Domingos e estimado pela sua madeira—tem dupla utilidade: primeiro a amendoa pôde-se comer crua ou torrada; depois também se procura este fructo verde, de que se faz uma massa semelhante ao miolo da noz verde, tendo o cuidado de o abrir, dentro da agua para lhe tirar o oleo, oleo que mancha a pelle; é por causa d'isto que os indios o procuram muito para o pôr na cara e no corpo. O fructo é azedo quando está verde, mas quando maduro é sumarento, doce e acidulado.

P. C.

ROSICLER

LENDA DO SOLAR

A JOAQUIM FERREIRA DA SILVA

Ao longe fica a serra activa e alcantilada; verdejam lá em baixo os grandes olivais aonde entoa o vento uns velhos-madrigaes suaves como a suave e branda madrugada.

A montanha parece um monstro que ali dorme em mimosa alcatifa e indolentemente; parece um novo mundo a sua altura ingente as rochas colossaes d'um comprimento enorme.

Em baixo uma capella occulta no arvoredado escondida co'o recato e mimo d'um segredo—branca como a neve e bella como a aurora e fundada talvez por mão inspiradora—nos vem entornar n'alma a doce commoção que só nos pode dar a fé d'uma oração. Um momento ao pé—do velho despotismo—já quasi arruinada; um grande cataclismo:—a ordem do Aguiar, dos frades o inimigo também ali chegou co'a luz do seu castigo. Porque esse monumento era d'uma abbazia

era d'um fradilhão que tinha *Senhoria* e que sugava iroso o sangue dos foreiros roubando-lhe a fazenda e os seus fructos primeiros e que para coroar tão altas maravilhas lhes roubava a mulher e deshonorava as filhas.

Em um velho solar dos frades d'Alcobaça uns parvos fradilhões—com raras excepções—que riam da desgraça

Mas hoje existe só vasto montão de ruínas; mas parece inda assim legendas assassinas lerem-se na parede enorme em cantaria. Parece inda escutar-se um grito d'agonia quando o vento lhe açoita as gelidas ameias. E' alguém jura até que luzes de candeias no escuro da noite ali vem brilhar. E' algum fradilhão que vive no solar.

Pois bem; n'este solar do velho despotismo ha uma lenda fatal escura como um abysmo lenda que eu agora aqui venho contar.

Sentemo-nos leitor, um pouco a descansar.

Reinava em Portugal el-rei D. João II em guerreiro andar um pouco aventureiro o homem que cortou ao rei dos castelhanos a garra recurvada igual á dos milhanos essa guerra fatal que elle com vehemencia queria vir enterrar na nossa independencia para poder fazer do velho Portugal uma provincia sua a quem deve um foral.

Mas agora não vou descrever essas luctas, nem a resenha dar das gentes impollutas que morreram ali na grande Aljubarrota. Não vos descrevo o elmo, o escudo, a espada, a cota nem a *Ala gentil* dos moços *Namorados* D. Nuno, o abbadé, o Rei, os nobres, os soldados essa lucta gigante o brilho d'essa gloria.

E' outro o meu intento, é outra a minha historia.

E' outro, é leitor; e vamos pois contar essa lenda fatal a historia do solar.

Ouvi: por esse tempo era fr. João d'Ornellas—o frade excommungado o ladrão das donzellas—um amigo sagaz d'el-rei nosso senhor; e esse maldito—o espectro do terror——a historia é quem nos dá a classificação era o abbadé—rei—o amigo da Nação. N'este velho solar o lobo sem consciencia mais d'uma vez roubou a santa flor Innocencia ás pobres aldeãs que ia roubar ás mães. E era este solar a flor dos seus Harens.

E quando um pobre que ás vezes resistia; mandava-o justicar *sua alta senhoria*. Tinha o negro poder da corda e do cutello tinha fundas prisões nos fossos do castello prisões sem ar nem luz, enxovias sem nome e matava-os por fim á chieitada e á fome.

Ainda que vá longe a data d'esta historia ainda é odiada a sua vil memoria.

Avante! pois leitor na nossa triste lenda aonde o crime entorna a sua luz horrenda.

Havia ali em cima uma casita branca aonde o frade tinha a liberdade franca d'entrar quando quizesse. Uma familia honesta vivia ali feliz; a casa era uma festa aonde havia a luz dos risos de creança. D'essa familia honesta a mais ditosa esperanza, vivia no sorrir alegre das duas filhas mulheres que eram d'aldeia as doces maravilhas.

O pae um santo velho, um bom aldeão honrado; vivia em doce fé de nunca ter peccado; a mãe como o bom velho uma santa mulher para quem eram leis as preces do dever e em quem a desgraça achava um coração cheio de suavidade e de consolação.

As filhas como os paes, bondosas raparigas formosas como a aurora e louras como espigas que o Junho encantador nos mostra nos trigaes; olhar sereno e azul assim como o dos paes e da mimosa tez as feições peregrinas semelhavam-se um pouco ás virgens raphaelinas.

Para ellas a vida era uma primavera mimosa como um sonho alegre qual chimera. Só viam no futuro um doce Paraíso alegre como a luz suave d'um sorriso, amavam com ternura o velho pae e a mãe e eram finalmente a encarnação do Bem.

O frade a vil panthera, o monstro, esse chacal n'um olhar prolongado, horrivel, sensual, com luxuria envolvia as doces creaturas; olhava cubitoso as suas formas puras e o rosto onde se lia a encarnação do Bem:—queria-as possuir no seu devasso harem.

Primeiro conquistou monachaes conselhos a sagrada affeição dos dois bondosos velhos: Graças ao seu poder, *sua alta senhoria* merecia em toda a parte a grande sympathia mesmo... ninguem podia a anthithese mostrar: senão... lá estava o fosso enorme do solar.

Depois quiz conquistar as pobres raparigas; ás vezes ao serão fiavam nas estrigas á doçura do lar nas noites do inverno, e lá ia o maldito, o filho do inferno, envolto no seu habito horrendo e bem odiado, assim como um ladrão, um reprobato, um forçado, levar o germen mau d'um sentimento impuro e quem sabe? talvez um crime no futuro.

Fallava com meiguice e calculado ardor dizia mil canções mil estrophes d'amor um pouco sensuaes, um pouco libertinas, e das duas irmãs as faces purpurinas branqueavam d'um pejo que o bom frade julgava um sensual desejo.

Uma noite appareceu um pouco embriagado; e depois de saudar como era costumado os velhos, foi sentar-se ao pé das raparigas lembrando-se talvez de scenas não antigas ganharam grande campo as suas pretensões.

Na sua mente impura as vis aspirações ganharam uma côr sanguinea; era um chacal. No seu olhar havia um fogo sensual e no abjecto rosto bello n'outras eras o desejo brutal de carnicieiras feras.

Chegou-se p'ra mais nova e segredou-lhe assim:—o doce cherubim

formoso é teu olhar, profundo, doce, intenso e o teu rosto gentil porque eu soffro immenso não deve aqui viver assim tão ignorado. Sou eu quem o adora, ó anjo idolatrado... E se queres ser feliz sem nada te faltar vac amanhã á noite á cerca do solar.

O rosto da aldeã cobriu-se de rubor: se foi pejo não sei, não sei se foi amor. O que a legenda diz é que no outro dia quando a luz do sol ao longe enfraquecia a pobre rapariga abandonando o lar partiu em direcção da cerca do solar e nunca mais voltou.

E essa casa honesta mimosa a luz alegre d'uma festa ficou cheia de luto: a mãe, morreu de dôr e a outra irmã em quem havia algum pudor pouco depois também como a infeliz morreu e o honrado velho!... o velho... enlouqueceu!

Por alta noite o louco, o triste abandonado assim como um ladrão assim como um malvado vagueava pela serra; e quando alguém o via o infeliz fugia.

Uma noite porém, uma noite d'inverno

em que o mundo parecia um negregado inferno em que o trovão soava e o vento era a rajada o louco foi soltar enormes gargalhadas á porta do solar.

Sua alta senhoria desceu para escutar a ultima agonia do infeliz, do louco. O olhar insaciavel brilhava n'um fulgor atroz, abominavel; na mão tambem brilhava uma arma pequenina um luzente punhal de marea florentina a scenas de terror já bem acostumado. Correu a chave e abriu a porta com cuidado. Junto á escura umbreira o louco continuava a rir convulsamente, e o seu rir ecoava nos angulos do solar e da velha capella. No ceu não existia o brilho d'uma estrella, o vento em derredor dobrava as oliveiras, e em seu triste zumbir lembrava as carpideiras.

O louco continuava o seu riso anhellante, e á ultima risada um grito dilacerante ecoou no adro triste e humilde da ermida: e o corpo do infeliz cahiu no chão sem vida.

É que o bom punhal do santo sacerdote fora bem dirigido e bem certo o bote

E se alguém quizer ver os dois genios do mal vae ao velho solar na noite de natal porque lá hade ouvir almas condemnadas soltando sempre sempre enormes gargalhadas.

1882—Abril.

VIEIRA NATIVIDADE.

O TONEL DO BARÃO ATULFO

(Conclusão)

Tinham-se passado dois mezes depois da morte do barão, e o capellão, no seu quarto ornado com grandes estantes de carvalho do norte contramoldado, repelectas de livros sacros, acabára de ceiar um magnifico quarto de faisão recheiado, quando se lembrou que deixára na ermida o seu breviario. Ora o capellão não era supersticioso. A sua qualidade de ministro do senhor, a sua convivencia de todos os dias com tudo quanto ha de mais sagrado e mais santo na religião, collocava-lhe a sua individualidade ao abrigo de todo o receio, por qualquer caso sobrenatural, e tendo uma noite ido ao côro da capella fechar o órgão, e julgando (o que era facil, porque as primeiras sombras da noite já invadiam a igreja) que o vulto do pae do barão Frantz se erguera a seu lado; deitára-lhe a benção, e tranquillamente escudado pela sua alta missão sacerdotal, fechára o órgão e descera sem se apressar, os trinta degraus da larga escada em espiral, que dava entrada para o côro. Muitas vezes fôra de noite á igreja, apenas alumada parcialmente pela tremula luz da lampada de prata que ardia constantemente defronte da imagem da virgem, e nunca se repetiram essas allucinações que faz aos timoratos ver espectros e figuras, só existentes nas imaginações nervosas e exaltadas.

N'estas circumstancias pois, bem ceiado e melhor disposto, sahiu do quarto, e entrou na ermida a buscar o breviario que lhe ficára sobre o altar. Fazia n'essa noite um luar esplendido, e a luz branca e suave da loura Diana, entrava pelas vidraças do côro n'um jorro prateado, e espalhava-se em caprichosas alternativas de luz, nos dourados e relevos do marmore ennegrecido, das cornijas e dos retabulos dos altares.

O capellão aproximou-se do altar onde estava o seu breviario forrado de couro com feixos de prata,

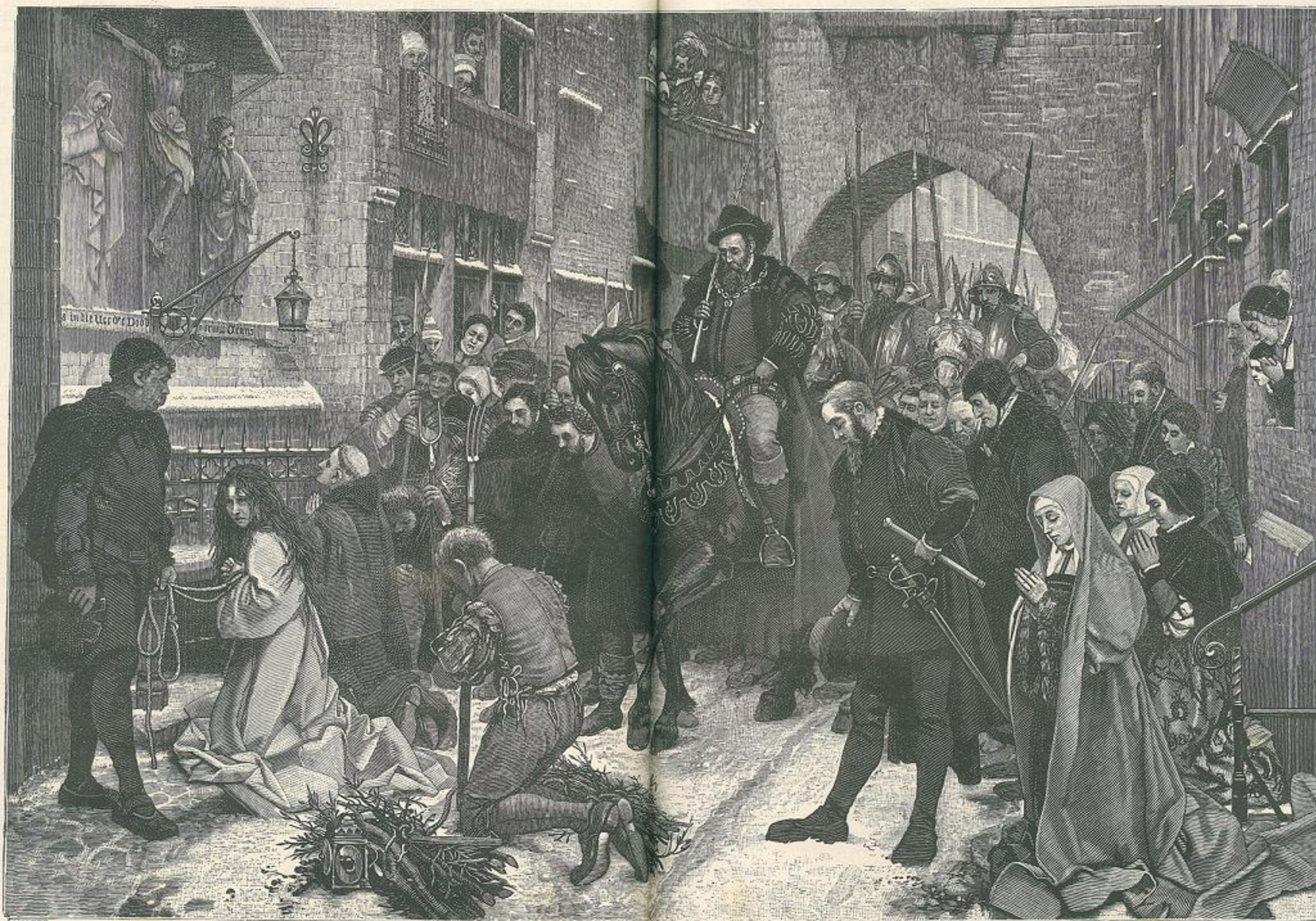
e as folhas illuminadas com estampas finissimas, producto da paciencia mal applicada d'um habil desenhista de Moguncia, e por um impulso natural ergueu os olhos á imagem, em cujas mãos brilhava a enorme chave de ferro polido da porta da casa onde estava o famoso tonel.

O capellão ia para se retirar, mas parou como que detido por um novo pensamento, e rapido, subiu o degrau do altar, e tirou a chave das mãos da imagem.

templar os artisticos lavrados da lendaria chave.

«Tolices»—resmungou elle pela segunda vez levantando-se sem largar a chave, e indo buscar a um armario uma garrafa vasia. Depois accendeu a sua lanterna, e encaminhou-se para a adega, distante do seu quarto uns dez a doze metros.

Desceu a escada, e penetrou no subterraneo onde uma extensa fila de toneis, e pilhas enormes de poeirentas garrafas, deliciariam a vista d'um apre-



A CAMINHO DA O SUPPLICIO

«Uma profanação» resmungou elle a meia voz, e sahiu da ermida com passo rapido e confiante, victo de ter commettido uma boa acção.

Quando entrou no seu quarto, collocou sobre a meza a pesada chave que tiniu com timbre forte e sonoro, e sentou-se a admirar os esplendidos relevos em ferro, gravados na famosa chave, e por mais d'uma vez lambeu os beiços talvez involuntariamente.

Passou-se mais de uma hora, o castello entrou em silencio, ergueu-se a ponte levadiça, apagaram-se as ultimas luzes, e o capellão continuava a con-

ciador. A luz fraca da lanterna agitada pelo ar, oscilava tremula, e punha sombras phantasticas nos tampus denegridos dos toneis que pareciam suster as pesadas abobadas do castello. O capellão não reparou em tal, e aproximou-se da mysteriosa porta de ferro.

Escusado é dizer que metteu a chave na fechadura, sem que a mão de qualquer dos descendentes de Atulfo de Scomberthual-Sdlitz lhe impedisse o intento. A lingueta girou, e a porta abrindo-se deixou a descoberto a grande torneira de metal polido semelhante um golpinho, do monstruoso tonel.

O capellão foi abrindo a torneira pouco a pouco, collocou a garrafa na vertical precisa, e o precioso vinho começou a correr n'um fio dourado e continuo em que a luz da lanterna punha scintillações inebriantes.

Quando a garrafa ficou cheia, fechou a torneira, em seguida a porta, e voltou para o seu quarto como se cousa alguma se tivesse passado.

Ali, á luz brilhante do seu grande candeiro de tres bicos, ponde contemplar no fino copo de crys-

dido de musicas, anjos, virgens e flores, emfim, uma verdadeira ventura como nunca mortal algum imaginára que seria possivel encontrar n'uma garrafa de vinho.

Tinham passado onze annos cento e oitenta e cinco dias depois da noite em que o capellão do castello ousára abrir a torneira do tradicional tonel e beber uma garrafa do lendario vinho n'elle contido.

Sua mãe deixara-o orphão aos dezeseis annos, e fora o capellão o encarregado de cuidar da sua educação e da sua casa.

Finalmente o barão resolvêra casar-se com uma joven sua parenta que o acompanhára no ultimo inverno nas grandes caçadas nas suas florestas, e é pois na noite do noivado, ro leado dos seus parentes e amigos, que nós vamos encontrar o joven Scomberthual Sdlitz, presidindo á meza do banquete onde milhares de luzes espargiam a sua claridade sobre os mais exquisitos manjares e brilhantes crystaes. O vinho corria em profusão, as fructas animavam os grandes fructeiros de prata com as suas côres variadas e aromas delicados, os gelados e os doces matisavam o alvo linho da toalha com todos os cambiantes de appetitosas victualhas, e os creados, de pé, vestindo as suas mais sumptuosas librés, serviam os convidados que de vinte leguas em redor tinham vindo assistir ás bodas do barão.

Desde o dia do seu baptisado que aquella enorme sala de jantar do seu feudal castello, se não sentia tão concorrida e animada. E' verdade que faltava ali seu pae e sua mãe, mas o barão lá estava na grande cadeira de espaldar sobrepujado pelo braço de sua casa, presidindo ao festim, e representando todos os seus maiores sepultados ha seculos no gelido carneiro da ermida.

No fogão crepitavam enormes achas de madeira odorifera, e em toda a sala reinava uma temperatura morna que ajudava no cerebro os effeitos do alcohol. A' sobrezeza porém o barão levantou-se, e antes que lhe fizessem os brindes da praxe, explicou em breves palavras o singular legado do primeiro barão de Scomberthual, e a clausula do seu testamento relativa ao mesmo legado, e sempre religiosamente cumprida por todos os membros da sua familia, e que muitos dos circumstantes não ignoravam, e apresentando a chave tradicional que o capellão lhe entregára, pegou n'uma serpentina e dirigiu-se á adega seguido por todos os seus convivas, e pela esposa, que alegre e risonha ia assistir com curiosidade verdadeiramente feminina á original cerimonia qua só se repetiria quando dêsse ao barão um successor de sua casa e titulos.

A porta da casa do tonel como todos lhe chamavam, foi aberta com facilidade, e o barão deitando aos seus convidados um sorriso de jubilo, collocou uma garrafa, deu volta á torneira, mas subito todos soltaram um grito de horror. O barão largára a garrafa das mãos, e cahira de costas, fulminado por uma congestão.

O tonel não deitava um só pinga do precioso liquido, e comtudo a torneira permanecia aberta!

A lenda do tonel do barão Atulfo realisara-se totalmente.

Deixara de correr o vinho que o capellão bebera todas as noites sem interrupção durante onze annos cento e oitenta e cinco dias, e o ultimo dos Scomberthual morria sem deixar descendentes, extinguindo-se com elle a linha recta da sua raça.

Durante muitos annos, contavam os aldeãos das margens do Rheno, que o barão Atulfo era visto todas as noites á meia noite, montado no seu cavallo coberto de ferro arrastando pelos campos fôra o espectro descarnado e pallido do capellão, que poucos dias sobreviveu á morte do barão Frederik.

ALFREDO GALLIS.

tal cuidadosamente limpo, a côr alambreada d'esse vinho que se ligára ás tradições dos senhores do castello.

Bebeu um copo, depois outro, depois outro, depois... a garrafa estava vasia, e a alma do capellão tornára-se vaporosa e parecia encontrar-se n'um paraizo de venturas, onde tudo era côr de rosa e florido como esse ceu theologico de que nos fallam os poetas nos seus devaneios de inspiração.

Os effeitos d'aquelle vinho eram superiores aos voluptuosos sonhos produzidos pelo opio, e o capellão adormeceu sonhando que entrava no ceu prece-

Frederik tinha então vinte annos, e por um sentimento de respeito a famigerada chave não voltára das mãos da virgem para o seu poder, e demais o joven barão vira-se obrigado naturalmente, pelas evoluções do tempo e das idéas, a perder um pouco d'aquellas crenças em que os seus maiores acreditavam tão piamente.

A caça, a pesca, os jogos, os passeios e a musica, absorvia-lhe o tempo e o pensamento, não lhe permitindo pensar em velhas tradições de familia, as quaes comtudo acatava sem lhe ligar maior importancia.

O DOMINGO DOS BÊBÊS

O ANNO E AS ESTAÇÕES

Eduardo—Ao mesmo tempo que gira sobre si mesma, a terra, dizia o tio, faz uma revolução completa em torno do sol.

Thome—Sim. Gasta n'essa revolução 365 dias. Em quanto completa um giro em volta do sol, executa 365 voltas sobre si.

Eduardo—E' uma dobaboura perpetua! que triste fadario!...

Thome—Imagina, como te disse, que giras em redor d'uma meza redonda que tem uma luz no centro figurando o sol, e que tu és a terra; cada volta em redor da meza é um anno; mas para figurares as cousas exactamente é preciso que em quanto executas uma volta completa em torno da meza, gires ao mesmo tempo sobre os calcanhares 365 vezes.

Eduardo—E valsa eternamente d'esse modo? Nunca descança?

Thome—Nunca.

Eduardo—Um dia diz adeus ao sol e ellaahi vae. Eu cá se fosse a terra, pelo menos de vez em quando fazia gazeta.

Thome—Não podias, antes que quizesse, porque uma força que a obriga a girar em torno do sol.

Eduardo—Mas que despotismo!

Thome—Além d'isso o peor era para ti que ficavas sem a luz do sol e irias, ás escuras, esbarrar para ahi com algum planeta e adeus mundo!

Eduardo—Foi fadada para ser o judeu errante do espaço.

Thome—Tem muitos companheiros de infortunio...

Eduardo—E dividiu-se então o anno em mezes?

Thome—Em 12, que são: janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro; uns de 31 dias, outros de 30 e o de fevereiro umas vezes de 29, e outras de 28, segundo o anno é, ou não, bissexto.

Eduardo—Eu nunca sei ás quantas ando a respeito do numero de dias que têm os mezes.

Thome—Pois é facil de saber. A natureza dotou a todos com um calendario. Fecha a mão esquerda; os quatro nós dos dedos estão, como vês, separados por uma cavidade: colloca o indicador da mão direita ora sobre um nó, ora sobre uma cavidade, e vae nomeando os mezes do anno partindo do primeiro nó. Quando chegares ao nó do dedo minimo volta ao principio e continua a enumeração até ao 12.º mez. Os mezes correspondentes aos nós são de 31 dias e os que correspondem ás cavidades, de 30. Só o mez de fevereiro é que faz excepção, por que de 4 em 4 annos tem 29 dias e não 28.

Eduardo—Vou ensaiar com o mez de setembro: janeiro, nó; fevereiro, cova; março, nó; abril, cova; maio, nó; junho, cova; julho nó... e agora?... cheguei ao ultimo nó...

Thome—Volta ao principio e continua a nomear os mezes.

Eduardo—Torna-se ao primeiro nó onde se começou?

Thome—Está visto.

Eduardo—Bem. Agosto, nó... ha dois nós a fio... Ah já sei! é que ha dois mezes seguidos de 31 dias. E por que é que fevereiro tem ora 28, ora 29 dias?

Thome—Por que a terra não gasta exactamente 365 dias para completar o seu giro em volta do sol, mas sim 365 dias e quasi seis horas. Essas seis horas a mais, no fim de 4 annos, perfazem um dia que

se acrescenta ao mez de fevereiro ficando por isso com 29, de 4 em 4 annos.

Eduardo—E' então o bissexto. E' o mez pequenino.

Thome—E' o mez bebé. Por motivos que mais tarde te direi, o curso da terra em volta do sol dá lugar ás estações e á duração desigual dos dias e das noites.

As estações são 4 de 3 mezes cada uma: primavera, verão, outono e inverno.

A primavera comprehende desde 20 de março até 21 de junho; o verão de 21 de junho a 22 de setembro; o outono de 22 de setembro a 22 de dezembro, e o inverno de 22 de dezembro a 20 de março. A 20 de março e a 22 de setembro, o sol é visível durante doze horas em todos os pontos do globo. O dia 21 de junho é o mais comprido do anno e a noite a mais curta. Mais ao norte a duração do dia augmenta ainda e decresce a da noite.

Ha paizes onde o sol é mais madrugador: apparece ás duas horas da manhã e esconde-se ás dez da noite; outros em que a hora do nascimento e do occaso do sol se confundem de tal modo que o astro mergulha, momentos apenas, no horisonte e reaparece logo depois. Finalmente, no pólo da terra, isto é, no ponto que se conserva immovel em quanto os outros giram, como succede com os extremos do eixo d'uma roda, gozariamos o maravilhoso espectáculo d'um sol sem occaso, movendo-se á nossa vista seis mezes successivos. N'estes paizes não ha noite.

A 21 de dezembro succede o contrario do que tem lugar em junho: o sol nasce ás 8 da manhã e põe-se ás 4 da tarde. Temos 8 horas de dia e 16 de noite.

Mais ao norte ha então noites de 18, 20 e 22 horas e dias de seis, quatro e duas.

Na vizinhança do polo, o sol nem mesmo chega a apparecer, não ha dia; durante seis mezes, ha sempre a mesma escuridão.

Eduardo—E n'esses paizes onde o anno se compõe de um dia de 6 mezes e uma noite igual, habita gente?

Thomé—Não, por causa do frio intenso que ahi existe; mas ha paizes, mais ou menos distantes do polo, que são habitados.

N'essas regiões, quando chega o inverno, a cerveja, o vinho e outras bebidas gelam. A agua apenas se lança ao ar cahe em flocos de neve; a humidade da respiração transforma-se em cristaes de gelo e até o proprio mar chega a gelar.

Essa camada de gelo estende-se pela terra firme onde fórma vastos campos e montanhas enormes. O sol não apparece durante muitos mezes. Não ha differença entre o dia e a noite, ou antes, reina uma noite permanente; não obstante, quando o tempo está sereno, a escuridão não é completa: a luz da lua e das estrellas reforçada pela alvura da neve produz uma claridade dubia apenas sufficiente para tornar menos cerradas as trevas. E' á claridade d'esta luz pallida que os habitantes d'essas sombrias regiões perseguem a caça que lhes serve de alimento. No entanto, o que principalmente lhes fornece o alimento é a pesca. Seccam o peixe e assim o conservam, já por fim meio corrompido e tambem a gordura da baléa. São estas as suas iguarias habituaes. E' ainda a pesca que lhe fornece o combustivel. Alimentam o fogo com lascas de gordura de baléa e ossos de diversos peixes.

A madeira é-lhes desconhecida: nenhuma arvore ainda a mais robusta, pode resistir aos rigores do inverno.

Eduardo—Que paizes tão tristes devem ser! Ou-

tra pergunta, meu tio, a terra move-se com muita rapidez em roda do sol?

Thome—Gasta um anno em fazer uma revolução completa; mas como gira a enorme distancia de 30:400:000 leguas, tem de percorrer o seu caminho com espantosa velocidade.

Não ha nada que possa dar-nos uma idéa, approximada sequer, d'essa velocidade que é de vinte e uma mil e seiscentas leguas por hora.

Eduardo—Oh que corrupio!

Thome—A locomotiva mais veloz percorrerá, quando muito, 15 leguas por hora; depois d'isto compára e ajuiza.

Eduardo—Se houvesse uma locomotiva que caminhasse com a velocidade da terra...

Thome—Partindo de Santa Appolonia chegavas ao Carregado sem ter tempo de dizeres ah!

Eduardo—Como a terra, que é tamanha e tão pesada, pode caminhar mais depressa do que uma ave!...

Thome—Tamanha e tão pesada!...

Que pensas tu que é a terra com os seus mil e duzentos milhões de habitantes: os seus vastos oceanos; as suas montanhas gigantescas?... Um atomo de pó, perdido na immensidade do espaço; um grão de areia n'esse vasto areal de mundos! O poeta do *Firramento* não exagerava ao exclamar:

Terra, globo que geras nas entranhas

Meu ser, o ser humano,

Que és tu com teus vulcões, tuas montanhas

E com teu vasto oceano!

Tu és um grão d'areia arrebatado

Por esse immenso turbilhão dos mundos

Em volta do seu throno levantado,

Do universo nos seios mais profundos!...

N'essa infinita amplidão do espaço, proseguirá na sua carreira vertiginosa, por seculos e seculos sem fim, obedecendo por lei immutavel e infallivel ao movimento que lhe imprimiu o braço omnipotente de Deus!

(Continua).

VIDIGAL SALGADO.

(Segundo Fabre).

AQUELLA CREENÇA

(A FILHO DE ALMEIDA)

Era domingo. Não tínhamos que fazer pensámos n'um passeio no mar e embarcámos. Seriam 8 horas. O sol, como um enorme ramo de ouro, abria-se em efflorescencias de luz no azul immaculado e amplo, e punha no verde-glaucos do oceano uma tunica refulgente que deslumbrava. O vapor, cortava audazmente as ondas e deixava ao nosso lado a paisagem que se desenrolava n'uma pompa oriental de côr.

A meio do rio, olhando, via-se a rua do Alecrim na sua elevação quasi recta e o aterro com os seus squares; esbatendo-se ao longe como que recortadas n'um fundo ideal as cupulas da Estrella, n'uma colina de verdura o palacio da Ajuda, e depois cá em baixo, em pleno rio, a torre de Belem, esse ideal brinco da architectura, especie de rendilhada cartomagem que qualquer mão gigante tivesse collado ali.

Distando alguns minutos, Algés, alongando-se pelo litoral n'uma ondulação de areia branca; no plano superior umas aldeias alegres como notas risnhas n'uma symphonia irriante, depois a Cruz Quebrada, Paço d'Arcos, Oeiras, S. Julião e o Oceano enfim na sua vastidão ondeante...

Comnosco iam talvez umas vinte pessoas. Tudo physionomias estranhas que não nos prendiam o olhar nem despertavam interesse, muitos inglezes, uma familia brasileira, um francez alto e louro, e uma pequenita que tocava harmonium. Não ha-

viamos reparado bem n'ella; o meu amigo era grave e serio e com o seu triste ar de mysantropo nem sequer procurara analysar de relance a nossa compaheira de viagem

Eu tambem, a principio mal a olhei mas depois a physionomia insinuante d'essa pobre bohemia de nove annos talvez, que assim entrava para o mundo pela porta esburacada e triste da adversidade e da miseria, impressionou-me e fixei-a para ella vivamente.

Era pallida, d'essa pallidez doentia que accusa os vicios de um organismo depauperado e molle, e não se percebia como podera ter resistido á rija lucta da vida, esse fragil corpinho anquilosado, inconsistente, onde quasi se não pronunciava sequer a linha do torso e a existencia de musculos.

Mas o que visto uma vèz nunca mais se esquecia eram os seus olhos grandes, expressivos, humidos, que eram como duas aves querendo evolar-se para o immenso azul, e procurando fallar alguma lingua mysteriosa e estranha que nós não entendiamos de certo. A côr d'elles não se podia fixar. Eram azues? eram castanhos? Seriam negros! Talvez fossem tudo isto porque quando o sol os inundava com uma onda do seu mar de luz, elles desdobravam soberbos todas as cores do prisma, temperadas por um ar profundamente meigo e ao mesmo tempo tristemente doloroso!

Oh! Esses olhos affiguraram-se-me todo um enorme poema de martyrios e de soffrimentos onde cada estrophe escripta com as lagrimas purissimas d'aquelle anjo viera deixar impresso o cunho fatal e inexprimivel, de um supplicio de todos os instantes.

Podia-se ler n'elles toda a historia ainda tão curta e no entretanto tão tragica já d'essa infancia que abria para a velhice e a quem o halito venenoso da morte ia pouco a pouco crestando as petalas.

E pelo meu espirito passou como n'algum sabbat infernal toda a legião interminavel das dores e das agonias que tinham vindo uma a uma torturar aquelle pequenino ser.

Pensei que a mãe morreria talvez lá fóra muito longe d'aqui, em Italia, em França, na Austria ou em Londres, cheia de fome e de vermine, depois de ter mordido o ultimo cartucho que ensopara no proprio sangue, e com o qual quizera esmagar o seu duro destino de desgraçada e de miseravel, sendo afinal este que a arremesava extenuada e exanime á enxerga ignobil da enfermaria, que a feria de morte nos seus sonhos e nas suas esperanças, que a roubava enfim áquella porção de carne da sua carne á sua filha tão fraquinha e tão desprotegida...

E tudo fóra acabar na valla: sonhos, esperanças, amor!...

O pae tambem fóra sem duvida algum bom trabalhador honesto que havia creado um lar e na labuta asperrima da vida procurara garantir um logar ao sol a esses dois entes que eram talvez para elle um paraizo infinito e bom; mas depois viera, eu sei, uma falta de trabalho, a doença, algum accidente que o inhabilitara e elle morria deixando desamparado e só, esse mundo de que o seu braço era a alavanca. Ou então alguma guerra havia rebentado, e tendo-o feito soldado porque era robusto e era valente, depois de haver feito alguma gloriosa batalha do seu nome ser citado como um exemplo e como um modelo, dos chronistas terem apregoado aos quatro cantos do universo os prodigios de temeridade inaudita, de heroismo incomparavel que elle havia praticado n'alguma hora verdadeiramente perigosa e unica em todos os combates; quando ia, quem sabe, ser apontado aos poderes do seu paiz para o condecorarem e para lhe darem um posto, uma vil bala perdida, uma emissaria do inferno, talvez o proprio diabo crystallisado havia-lhe varado o peito e fóra ao mesmo tempo arrasar uma pobre casita que lá distante, esperava pelo defensor e pelo dono.

Foi então que devia ter começado essa amargura-

rada via-sacra de provações para a viuva e para a orphã.

Naturalmente tudo se vendeu em breve, se era tão pouco, e as necessidades tantas! Por tudo queriam dinheiro; pelo pão, pela agua, pela luz—até pela luz bom Deus!

Viera—porque uma desgraça nunca vem só—uma doença a da pequenita—o primeiro accesso da enfermidade que haveria de mata-la—e isso apressara o termo inevitavel d'aquelle lar que se esburacava e desfazia sem esperanças de salvação. Depois a pobre viuva adoecera tambem, e mezes depois ia juntar-se ao marido nas segundas nupcias da materia una e eterna...

Quanto á pequenita, uns visinhos, musicos ambulantes haveriam tomado conta d'ella e assim explicava eu a estada d'ellas em Portugal.

Eis o que n'um curto espaço de tempo eu pensei do passado e da familia d'essa pobre rapariguita a quem uns davam beijos e outros davam dez réis e muitos nem beijos nem dez réis!

Em todo o caso como me era facil saber o que havia de exacto em todas as minhas supposições, approximei-me da pobre tocadora, e a troco de uns quaesquer exiguos cobres entabolei conversa com ella.

A principio offereceu resistencia; acostuada, coitadita, a que muitos se rissem da sua miseria, dos seus farrapos, e da sua algaravia confusa, não vendo as mais das vezes uma pessoa que lhe prodigalisasse um carinho, uma palavra amiga, fóra-se naturalmente confrangendo e retrahindo, e toda essa porção de expansividade, de alegria e de vida que as creanças trazem em si, á falta de não ter por onde expluir concentrava-se n'ella propria e ia-a tambem consumindo ao mesmo que lhe dava um brilho extraordinario e forte, ás vezes selvagem, ao seu olhar de anjo extraviado das limpidas paragens luminosas, nas eternas sombras d'este mundo tão pequeno e tão vil...

Eu diligencieei porém pôr na voz as notas mais acariciantes, no meu pedido a forma mais delicada e mais casta, e ella lá me foi contando n'um hespanhol afrancezado ou antes n'um mixto de ambas estas linguas toda a sua lastimosa historia.

Eu tinha adivinhado em parte. A mãe morreria tísica n'um hospital em Bordéus, o pae estivera na guerra franco-prussiana e nunca mais houvera noticias d'elle. Tel-o-hiam morto, haveria sido feito prisioneiro, morreria em resultado de algum ferimento recebido n'algum combate encarniçado? Não o sabia dizer.

Quando se viu só lembrou-se de uns primitos que eram musicos ambulantes e foi ter com elles; então começou a sua nova existencia errante e bohemica, e tendo passado a Italia viera depois por Madrid para aqui. Formavam uma coloniasinha de cinco ou seis companheiros, que seguiam isolados cada um para sitio diverso a pedir á caridade da multidão alguns reaes para matarem a fome.

Exploradas pelo pae de um d'elles, as pobres creanças deviam trazer á noite uma dada quantia, e quando assim não succedia lá estava o explorador das pobres e indemnes creaturas para lhes avivar por meio de um correctivo, em harmonia com a inófle bestial e canalha d'esse carnicheiro da infancia, o cumprimento de um contracto em que as infelizes creanças davam tudo e nada recebiam.

No decurso da sua narrativa tão commevedora e tão singela, esse adoravel rostinho que eu desejaria ter osculado com a mesma sincera adoração com que se beijam as santas, annuviou-se de uma tristeza indefinida e vaga, e os olhos, aquelles olhos que me pareciam dois diamantes da mais crystalina agua assombream-se-lhe marejando-se de lagrimas tão puras e tão sentidas que se a justiça, essa ideal abs-

tracção do eterno bem e do eterno bello, galardoades realmente aquelles que muito soffrem, tinha uma larga divida para com essa martyr de nove annos...

Momentos depois cada um de nós tomava um caminho diverso e á volta não nos encontrámos.

Procurei tornar a vel-a outra vez mas nunca mais a encontrei. Passados mezes soube que havia fallecido; quiz indagar como se finára essa victima da imprevidencia e do egoismo sociaes, e disse-me que morrera tísica, tísica aos dez annos!

Pobresita, exactamente quando os passaros cantam pelos trigaes, quando as ramarias murmuram de alegria, e quando a natureza toda escuta a grande pastoral sublime da alegria e da vida, ella, triste florita destacada da haste caí emmurchecida e secca no chão algido do tumulo.

E no entanto—suprema alegria dos desherdados—foi talvez o primeiro momento em que conseguira repousar a sua pobre cabeça marcada com o selo fatal da desventura, e o seu corpinho tão flacido e tão delicado que apesar de se magoar sem duvida nas taboas do caixão, pela unica vez conseguira repousar sem cuidados e sem soffrimentos—mas para nunca mais se erguer!

Fevereiro de 1883.

AFONSO VARGAS.

O COMMENDADOR MENDOZA

POR

D. JOÃO VALERA

(Continuação)

Apezar do seu optimismo, do seu genio alegre e do seu pendor para ver muitos acontecimentos pelo lado comico, D. Fadrique não podendo achar n'aquelle acontecimento nada de comico cahiu com febre e esfriou muito na sua dedicacão á carreira militar.

Pronunciou-se n'elle mais acentuada a mania de ser philanthropo, especie de secularisação da caridade, que principiou a estar muito em moda no seculo passado.

A impiedade precoce de D. Fadrique veio a fundar-se em rasões e raciocinios com o andar dos tempos e com a leitura dos maus livros, que n'aquella epocha se publicavam em França. O character zombeteiro e alegre de D. Fadrique não se casava com a misanthropia tetrica de Roupeau. Voltaire, pelo contrario, encontrava-o. As suas obras mais impias pareciam-lhe echo da sua propria alma.

A philosophia de D. Fadrique era o sensualismo de Condillac, que elle reputava o *non plus ultra* da especulação humana.

No tocante á politica, o nosso D. Fadrique era um liberal anachronico em Hespanha. Pelos annos de 1873 quando viu morrer Tupac-Amara, era quasi como um radical d'agora.

Tudo isto se baseiava e encadeiava n'uma theodiceia um tanto confusa e superficial, mas que então era vulgar. D. Fadrique acreditava em Deus, e imaginava que tinha conhecimento de Deus, que se lhe representava como intelligencia suprema e livre, que fez o mundo porque quiz e para logo o dispoz e arranhou segundo os mais profundos principios da mechanica e da phisica. Apesar do *Candido*, novela que o fazia chorar de riso, D. Fadrique era quasi tão optimista como o doutor Pangloss, e tinha por certo que tudo estava divinamente bem e que nada podia estar melhor do que estava. O mal affigurava-se-lhe um accidente, ainda que o mundo se admirasse de que elle fosse tão grande e succedesse

com tanta frequencia, e o bem parecia-lhe a substancia, o positivo e importante que havia em tudo.

Sobre o espirito e a materia, sobre a vida de alem tumulo e sobre a justificação da providencia vasada em compensação de eterna duração, D. Fadrique estava muito duvidoso; mas era tal o seu optimismo, que via demonstrada e até patente a bondade do ceo, sem sahir d'este mundo sublunar e da vida que vivemos. Verdade é que para isso tinha adoptado uma theoria, então novissima. E dizemos que a tinha adoptado e não que a tinha inventado, porque não nos consta semelhante coisa, ainda que bem pode ser que a tivesse inventado; pois quando chega o momento e só a hora de nascer uma ideia e de formular-se um systema, a ideia nasce e o systema formula-se em mil cabeças ao mesmo tempo, não obstante pertencer a gloria da invenção áquelle que por escripto ou por palavras a expõe com mais clareza, precisão e elegancia.

A ideia, ou melhor, a theoria novissima, tal como existia na mente de Fadrique era em resumo a seguinte.

Entendia o philosopho de Villabermeja que havia uma lei providencial e eterna para a historia, tão indefectivel como as leis mathematicas, segundo as quaes descrevem os astros, as suas orbitas. Em virtude d'essa lei, a humanidade ia sempre caminhando por uma senda de perfectibilidade indefinida: e uma asserção para a luz, para o bem, para a verdade e belleza não tinha pausa nem limite. N'isto a raça humana, em seu conjuncto, obedecia a um impulso necessario. Toda a gloria do coito pertencia ao Ser Supremo, que dera aquelle impulso, mas dentro do movimento providencial, que d'elle resultava todos os individuos eram livres e responsaveis por todas as acções, ideias e propositos. O maravilhoso trabalho da Providencia, o mysterio mais bello de sua sabedoria infinita consistia em combinar com judiciosa harmonia todos os resultados da liberdade humana afim de que concorressem para o cumprimento da lei eterna do progresso, ou em antever-os com tão divina previsão e acerto que não perturbassem o que estava prescripto e ordenado, á semelhança, posto que seja baixa a comparação, do inventor e constructor perito de uma maquina, o qual mette em linha de conta os attritos e o meio ambiente.

Um tal modo de considerar os acontecimentos cava-se bem com o caracter de D. Fadrique, corroborando o seu desprezo pelas minudencias, e o seu prurido de qualificar de minudencias o que para a maior parte dos homens é importante em subido gráo, convertendo o seu pudor para a alegria e para o riso em serenidade olympica, digna dos immortaes.

No moral não deixava de ser severo. Das suas taboas da lei não apagava nem um til nem uma virgula dos mandamentos divinos. Só o que fazia era dar mais rigor, se é possível, a toda a prohibição de actos que produzem dor, e relaxar bastante as prohibições de tudo aquillo que se lhe affigurava trazer consigo apenas deleite ou commodidade.

N'aquella epocha pensar assim em Hespanha e seus dominios já dissemos que era perigoso; mas D. Fadrique tinha o condão da medida e do tonico, e sem hypocrisia lograva não chocar nem offender opiniões ou crenças.

Concorria para isto, a forma, porque sabia captar as amizades, não inspirando a toda a gente uma affeição trivial, mas inspirando-a muito viva aos poucos que estimava, os quaes valiam sempre por muitos para defendel-o e elogial-o.

Na primeira mocidade, D. Fadrique, possuindo estes dotes, e sendo além d'isso bello de rosto, esvelto de figura, atrevido e discreto conseguiu que sobre elle chovessem as aventuras galantes e teve grande fama de afortunado em amores.

Depois de terminada a rebelião de Tupac-Amaru subiu a capitão de fragata, e a sua reputação de bom soldado e de sobrio e habil marinheiro attingiu o apogeo.

Quasi no momento, em que acabavam de expirar no Cuzeo os ultimos indios parciaes da independencia da sua patria, sendo queimados alguns com ferros em brazas antes do serem enforcados chegou a Lima a noticia de que tinhamos feito a paz com a Inglaterra, alcançando a independencia da sua colonia, em favor da qual combatiam.

D. Fadrique pôde então alcançar licença para navegar ás ordens da Companhia das Filipinas, e sa-

ter impedido, e partiu de Calcutá para Madrastra com muitos soldados, europeus e cipayos, e grandes petrechos de guerra. N'essa occasião D. Fadrique teve o gosto de ganhar bastantes rupias, servindo uma boa causa e conduzindo a Madrastra no seu navio, com a devida auctorisação, tropas, viveres e munições.

Parece que pouco tempo depois d'este acontecimento, e até antes do rajah de Travanca ser novamente constituido no seu throno, e o sultão de Tippoo ser vencido e obrigado a fazer a paz, D. Fadrique já cansado de peregrinação e trabalhos, apagada a ambição e mais do que satisfeito o desejo de fortuna, conseguiu a sua baixa, quando voltou da Suissa, e passou-se á Europa desejava de presenciar a grande revolução que se estava realisando em França, cujos principios tanto se conformavam com os seus, e cuja fama enchia-o muito de espanto.

Apesar d'isso D. Fadrique só esteve alguns mezes em Paris: desde fins de 1791 até setembro de 1792 bastou-lhe este tempo para cançar-se e fartar-se da grande revolução, desenganou-se um pouco do seu liberalismo e duvidar das suas theorias de constante progresso.

Viveu depois em Madrid por espaço de dois annos e tambem se desenganou de muitissimas coisas.

Entrado já na idade de cincoenta, posto que não é forte, e parecendo muito mais joven no semblante, na robustez e elegancia do corpo, e na serenidade e viveza do espirito, assenhoreou-se d'elle a nostalgia de que padecem quasi todos os bermejinos, e tomou a irrevogavel decisão de retirar-se para Villabermeja e acabar alli tranquillamente a vida.

As cartas que escreveu a seu irmão D. José e á tia Ramoncica, que ainda viviam, annunciando-lhes o seu regresso definitivo e para sempre, foram breves, ainda que mui affectuosas. Mas em troca escreveu ao padre Jacintho uma extensa carta, que ainda existe e que deve ser trasladada para aqui. E' do theor seguinte.

V

«Meu querido padre Jacintho

Ha de saber já por meu irmão e pela tia Ramoncica que estou decidido a ir para essa terra, e acabar a vida, onde passei os melhores annos e os mais innocentes d'ella, (boa innocencia era a minha) jogando o eixo, a malha, e andando ás pedradas e cachações com os meus cretaneos e compatriotas.

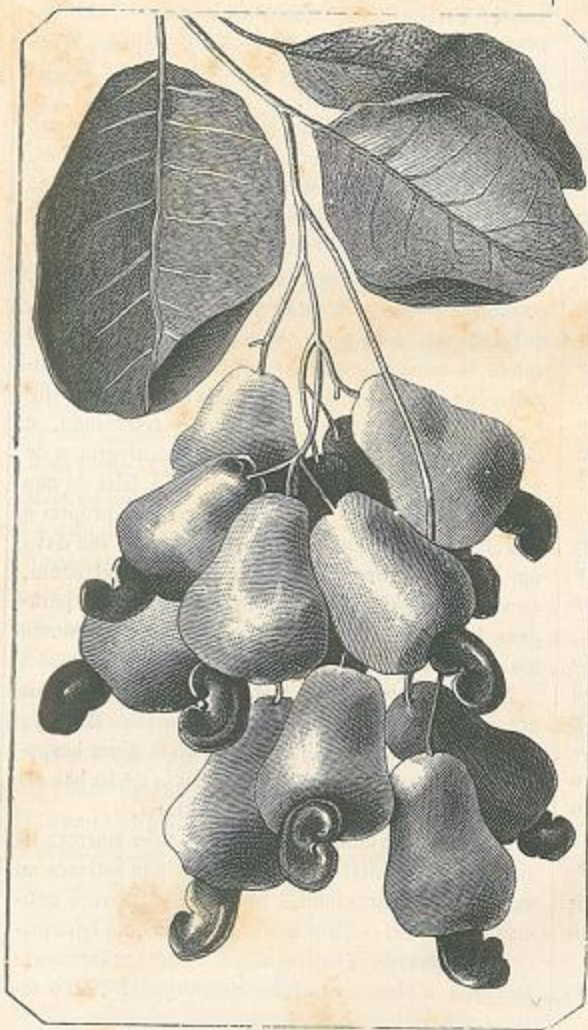
Então era eu rude; mas hoje ha de vossa reverendissima estar convencido de que me puli bastante, peregrinando por esse mundo, e de que são hoje outras as minhas affeições e mui diversos os meus cuidados. Os frades, seus companheiros não precisarão já de ameaçar-me com os Turibus.

A minha residencia no logar não ha de trazer perturbação alguma; pelo contrario, lisongeio-me de que poderá ser vantajosa. Ganhei dinheiro, e grande parte d'elle empregal-o-hei em fomentar a agricultura. O vinho, que ahi se produz, é abominavel, pode ser excellente. Trabalhando conseguir-se-ha tornal-o potavel e bom.

Já estou sonhando com as agradaveis noites que passaremos no inverno, jogando a manilha, disputando sobre as nossas não muito concordes theologias, e referindo-lhe eu as minhas aventuras no Peru na India, e n'outras regiões.

(Continua)

Typ. e lith. portuguesa, Calçada do Trilho, 39 (à rua Formosa)



O FRUCTO DO CAJUEIRO

hiu para Calcutá commandando um navio carregado de preciosas mercadorias. Fez tres viagens de Lima a Calcutá e de Calcutá a Lima; e como levava um optimo carregamento e soldo avultado, e achou venda muito vantajosa, achou-se dentro de pouco tempo possuidor de alguns milhões de reales.

Nas largas temporadas que D. Fadrique passou na India, affeição-se muito á brandura dos indigenas d'aquelle paiz e contrahiu o maior aborrecimento pelo fervor religioso e guerreiro das outras nações. Tippoo, sultão de Misor, empenhara-se em converter ao islamismo todo o Indostão e em dilatar o seu imperio até o Cabo Cosmorin, onde nunca tinham penetrado as hostes de outros conquistadores mussulmanos. A horrivel devastação do florescente reino de Travanca, nas barbas dos inglezes, foi a consequencia da ambição e do zelo musulmanico do mencionado sultão. O governador geral da India resolveu-se por ultimo a vingar e remediar o que devia